

NAS TRILHAS DA
CABANAGEM
1835-1840



NORFINI, Alfredo. "O Cabano Paraense". [1960]. Acervo do Museu de Arte de Belém.

NORFINI, Alfredo. "A tomada ao Trem de Guerra". [19-J]. Acervo do Museu de Arte de Belém.

HISTÓRIAS NÃO CONTADAS

**NAS TRILHAS DA
CABANAGEM**

1835-1840

HISTÓRIAS NÃO CONTADAS

“...mas ainda é tempo de viver e contar
Certas histórias não se perderam”.

(Nosso Tempo, Carlos Drummond de Andrade).

A história do Brasil que aprendemos nos bancos escolares e que é reproduzida nos livros didáticos está repleta de lacunas em relação a determinados fatos, sobretudo aqueles protagonizados por sujeitos históricos anônimos, ligados aos setores subalternos da sociedade. Nossa historiografia oficial primou pelo registro de fatos que enalteciam determinados personagens em detrimento de outros.

Nos últimos anos, com a renovação dos estudos históricos em nosso país, procura-se mostrar que a História não é apenas fruto da ação isolada de grandes homens — os heróis nacionais —, mas que ela se tece no cotidiano e é construída por diferentes atores sociais. Todos nós fazemos História!

Um dos fatos relegados ao esquecimento pela história oficial são as revoltas e rebeliões sociais, algumas de cunho separatista, como a Farroupilha, outros de caráter nitidamente popular, a exemplo da Balaiada, que ocorreram nas províncias do Império brasileiro durante o período regencial de nossa história (1831—1840). Esses movimentos colocaram em xeque a integridade territorial do País, razão pela qual foram duramente reprimidos pelas forças imperiais.

Dentre essas revoltas, destaca-se a Cabanagem, ocorrida na Província do Grão-Pará e que durou cerca de cinco anos, mobilizando um contingente significativo de pessoas de diferentes estratos sociais: fazendeiros, comerciantes, índios, caboclos e escravos. Sem sombras de dúvida, conforme salientou o historiador José Júlio Chiavenato, “*a Cabanagem do Pará é o único movimento político do Brasil em que os pobres tomaram o poder, de fato*” (**Cabanagem: o povo no poder**. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 12).

A presente exposição faz parte do projeto HISTÓRIAS NÃO CONTADAS, em que a Câmara dos Deputados pretende resgatar a memória de determinados fatos que foram desprezados ou omitidos pela história oficial. Com isso, estamos contribuindo para que a história de nosso país não fique restrita aos circuitos acadêmicos e intelectuais e que possa ser mais conhecida por todos os brasileiros. Afinal de contas, o conhecimento histórico é um instrumento indispensável à construção da cidadania e ao fortalecimento de nossa identidade cultural.

RICARDO ORIÁ
Curador — Centro Cultural

APRESENTAÇÃO

A exposição *Nas Trilhas da Cabanagem* tem o objetivo de apresentar um dos episódios mais sangrentos e contraditórios da história do Brasil. Movimento, revolta, guerra, revolução ou motim? Desde o século XIX, diversas foram as definições dadas à Cabanagem, sem que a exegese do momento histórico tivesse fim. Independente da corrente de estudo e doutrina dos autores que analisam esse episódio, o fato é que, pela primeira vez na história do País, as massas populares alcançaram o poder.

Em uma província perdida nos confins do Brasil, uma aliança de agentes improváveis se formou. mestiços, índios, escravos, brancos, pobres e latifundiários se aliaram em torno de uma causa comum: o enfrentamento à política do governo central.

O Brasil, recém-independente, tentou manter seus territórios desenvolvendo uma política centralizadora que eu início a insatisfação dentro do território da província do Grão-Pará. Sua manutenção na unidade brasileira foi ordenada a todo custo, o que significou prisão, tortura, fuzilamento e inclusive morte por asfixia em porões. Oprimidos e massacrados pelo governo imperial, que deveria aliviar males, os paraenses não tiveram outra saída a não ser o levante.

No ano de 2015 se comemoram os 180 anos da eclosão de um dos movimentos sociais populares mais importantes de nossa história e que é desconhecido da maior parte dos brasileiros - razão pela qual se justifica a atual mostra no contexto do projeto HISTÓRIAS NÃO CONTADAS do centro Cultural Câmara dos Deputados.

Thiago Vianna
Historiador

*De circumloquios nada sei,
O caso conto, como o caso foi,
Na minha pbrase de constante lei
O patife é patife, o boi é boi.*

Batista Campos

Cleórgo Batista Campos. Músico histórico do movimento da Cabanagem. Músico antes da eclosão do movimento.



"PROSPECTO da nova praça do pelourinho". [17-]. Acervo da Biblioteca Nacional.

Antecedentes históricos

Desde os tempos coloniais, o vínculo de Belém era mais forte com Portugal do que com o restante do Brasil, em razão das intensas relações comerciais e sociais através do mar. Formou-se, assim, uma elite portuguesa na Amazônia, que concentrava riquezas da região e privilégios.

A independência oficial do Brasil aconteceu em 7 de setembro de 1822; mas o Pará só aderiu em 15 de agosto de 1823, entre outras as razões, por conta da já mencionada relação com Portugal. Porém, antes disso, houve a Revolução Constitucionalista do Porto, 1820, em Portugal, apoiada pelos paraenses em 1º de janeiro de 1821.

A revolução queria a volta do Brasil à condição de colônia e contou com o apoio dos portugueses residentes no Grão-Pará. A Cabanagem decorreu de rivalidades surgidas na época da independência - conflitos entre a elite tradicional da Amazônia, formada por ricos portugueses que queriam se manter no poder; paraenses nascidos na terra que queriam a sua parcela na participação política econômica, muitos proprietários de terras e também o clero; e, engrossando o caldo do conflito, a massa de indígenas, mestiços e escravos que não viam a mudança de sua realidade social.

O que foi a Cabanagem?

A Cabanagem foi uma revolta social ocorrida no Império do Brasil, na província do Grão-Pará, de 1835 a 1840. Nos antecedentes da revolta, havia uma mobilização da província do Grão-Pará para expulsar forças reacionárias que desejavam manter a região como colônia portuguesa.

O Movimento foi formado pelos mais variados elementos da sociedade paraense, encontravam-se povos indígenas, comunidades de africanos, brancos, pobres, mestiços, tapuios e até líderes locais da elite latifundiária, ressentidos pela falta de participação política nas decisões do governo central.

A revolta teve início em 7 de janeiro de 1835 quando o quartel e o palácio do governo de Belém foram tomados pelos revoltosos, liderados por Antonio Vinagre.

Durante o curto espaço de tempo em que o movimento ocupou a capital da província, três personalidades ocuparam a liderança do movimento e ficaram para a história como "Presidentes Cabanos". Estima-se que cerca de 30% a 40% da população de 100 mil habitantes do Grão-Pará tenha morrido no conflito.

Dado o seu saldo de mortos, a Cabanagem é um dos maiores conflitos já ocorridos na história do País.



NORFINI, Alfredo. "O Cabano Paraense", [1960].
Acervo do Museu de Arte de Belém.

A adesão ao projeto de independência do Brasil não resultou em mudanças substanciais na vida dos paraenses. O sentimento geral era de decepção, principalmente entre os nascidos na terra. Isso gerou grandes conflitos. A força nava Imperial, sob o comando de John Pascoe Grenfell, aprisionou 256 paraenses no porão de um navio de guerra, tendo sido fechada as escotilhas e mantendo-se aberta apenas uma pequena fresta para a entrada de ar. Os prisioneiros se manifestaram e, para acalmar os ânimos, a guarnição disparou alguns tiros de fuzil para o interior do porão e lançou certa quantidade de cal, cerrando a abertura do porão. Na manhã seguinte foram encontrados 252 mortos no porão do navio. Esse episódio ficou conhecido como “Brigue Palhaço”.

*... Hum Bando
d' assassinos, e malvados,
que so podem ter de
Brasileiros o nome porque
também as feras, e tigres
nascidos no Brasil o são*

...

Jose Martiniano de Alencar,
presidente da provincia
do Ceará.

José Martiniano de Alencar, presidente da provincia do Ceara.
Manifesto publicado nos jornais da Época, ao tomar conhecimento
do assassinato do presidente da Provincia do Pará.



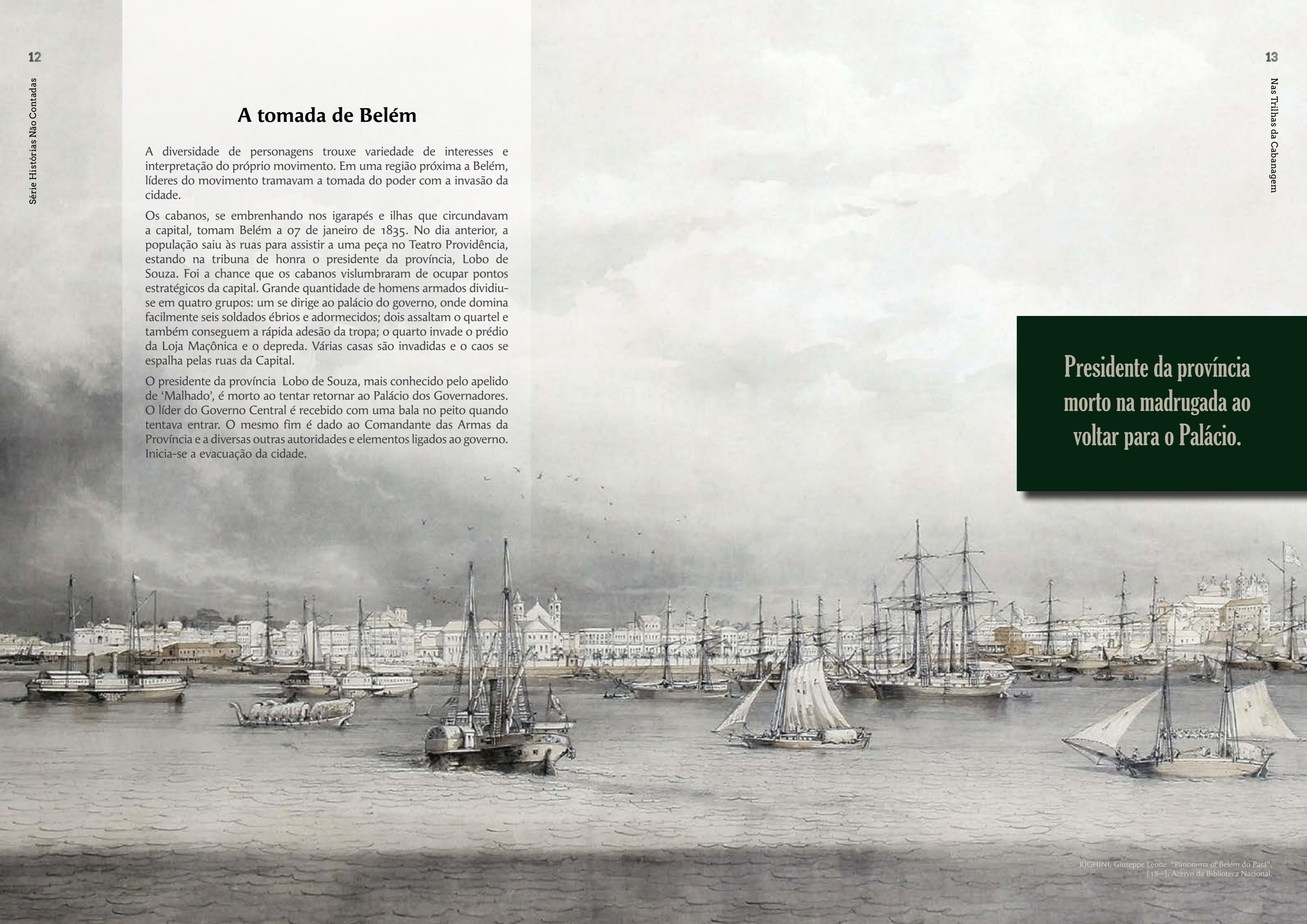
A tomada de Belém

A diversidade de personagens trouxe variedade de interesses e interpretação do próprio movimento. Em uma região próxima a Belém, líderes do movimento tramavam a tomada do poder com a invasão da cidade.

Os cabanos, se embrenhando nos igarapés e ilhas que circundavam a capital, tomam Belém a 07 de janeiro de 1835. No dia anterior, a população saiu às ruas para assistir a uma peça no Teatro Providência, estando na tribuna de honra o presidente da província, Lobo de Souza. Foi a chance que os cabanos vislumbraram de ocupar pontos estratégicos da capital. Grande quantidade de homens armados dividiu-se em quatro grupos: um se dirige ao palácio do governo, onde domina facilmente seis soldados ébrios e adormecidos; dois assaltam o quartel e também conseguem a rápida adesão da tropa; o quarto invade o prédio da Loja Maçônica e o depreda. Várias casas são invadidas e o caos se espalha pelas ruas da Capital.

O presidente da província Lobo de Souza, mais conhecido pelo apelido de 'Malhado', é morto ao tentar retornar ao Palácio dos Governadores. O líder do Governo Central é recebido com uma bala no peito quando tentava entrar. O mesmo fim é dado ao Comandante das Armas da Província e a diversas outras autoridades e elementos ligados ao governo. Inicia-se a evacuação da cidade.

Presidente da província morto na madrugada ao voltar para o Palácio.



**Felix Antonio Clemente Malcher**

Primeiro presidente Cabano

Rico e importante fazendeiro que se fixou na região do Acará, próximo a Belém. Durante o processo de emancipação política do Brasil e do Pará destacou-se no cenário político local. Tornando-se vereador em Belém, onde por ocasião se aliou ao cônego Batista Campos, notório defensor dos ideais liberais e redator do periódico local, “O Paraense”.

Após os conflitos de 07 de janeiro de 1835, por aclamação popular Clemente Malcher tomou posse como o primeiro Presidente Cabano, no entanto, devido seu histórico e origem, Malcher era mais identificado com os interesses das elites locais.

Para os irmãos Vinagre e muitos de seus partidários, Malcher estava traindo sua causa e por esta discordância se originou uma luta armada pelas ruas de Belém entre os “blocos cabanos”, onde Clemente Malcher foi derrotado, preso e assassinado por um dos cabanos quando seria remanejado para outro presídio em Belém.

*Opprimidos de violentos
actos, e perseguidos
sistematicamente por aquelle
Governo que os devia
aliviar de seus males,
e proteger seus direitos,
consternados levantarão-
se em Massa, e deitarão
por terra seus oppressores,
que, uns perecerão debaixo
de Espada de sua justa
indignação, e outros
confundidos de seus crimes,
fugirão!!*

Clemente Malcher
1º Presidente Cabano



Francisco Pedro Vinagre

Segundo presidente cabano
(Fevereiro/agosto de 1835)

Assumi como presidente em 21 de fevereiro de 1835. Tentou frear o ímpeto cabano e ainda mantinha a posição política de continuar unido ao Império brasileiro, esperando as ordens da Corte. Nesse contexto, em junho de 1835, Belém recebe a visita do marechal Jorge Rodrigues para ser o presidente da província e negociar o fim da revolta. A pauta da negociação rezava a anistia aos participantes do movimento e a retirada deles da cidade, o que dividia opiniões. Reconhecendo o poder da Regência em nome do imperador, Vinagre acatou a decisão e bateu em retirada com os revoltosos, não agradando a todos. e tais discordâncias foram um dos fatores responsáveis pela segunda tomada da cidade, considerada a mais sangrenta.



RIGHINI, Giuseppe Leone. "Casa de índios na Floresta Mata-Mata, no Moju, Pará". [1867].
Pinacoteca de São Paulo.

*- Illm. e Exm.
Snr. - Quando uma
grande crize revolve
a Sociedade até os
seus fundamentos,
quando todos os
elementos da ordem
estão quebrados, e
dispersados, melindroza
se torna a posição
d'aquelle, que elevado
na effervescencia das
paixões trabalha para
restituir a todos a
segurança.*

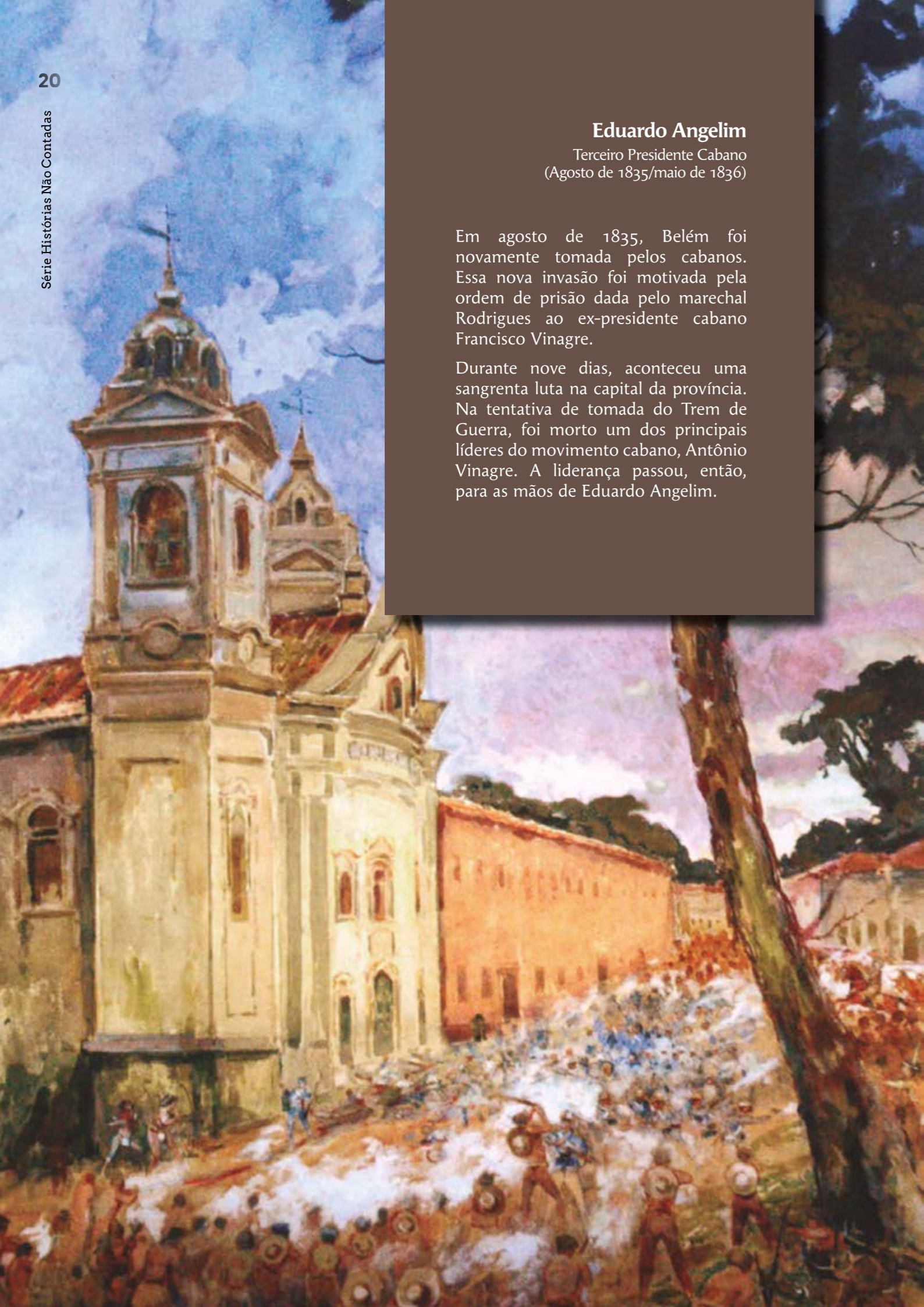
Francisco Vinagre
2º Presidente Cabano

Eduardo Angelim

Terceiro Presidente Cabano
(Agosto de 1835/maio de 1836)

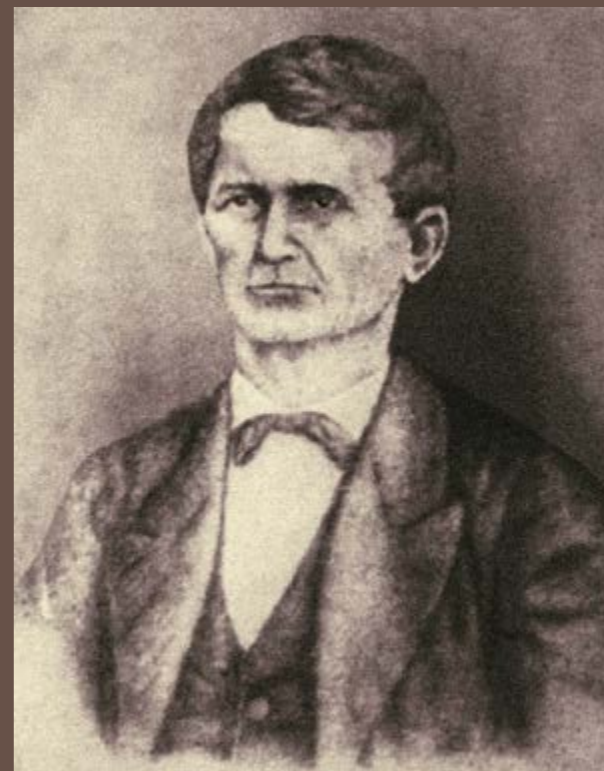
Em agosto de 1835, Belém foi novamente tomada pelos cabanos. Essa nova invasão foi motivada pela ordem de prisão dada pelo marechal Rodrigues ao ex-presidente cabano Francisco Vinagre.

Durante nove dias, aconteceu uma sangrenta luta na capital da província. Na tentativa de tomada do Trem de Guerra, foi morto um dos principais líderes do movimento cabano, Antônio Vinagre. A liderança passou, então, para as mãos de Eduardo Angelim.



*Os covardes tremam do nosso valor!
Meus caros patrícios: por amor à
liberdade, por amor às nossas esposas e
filhos, vinguem os ultrajes feitos à nossa
adorada pátria.*

Eduardo Angelim,
último presidente cabano.



*Vós Sabeis senhores a que estado de furioza
anarquia chegou essa malfadada Província
arrastada ao abismo (...)*

Francisco José de Souza Soares de Andrea, discursando na
reabertura da Assembléia Provincial em 02/04/1938

Lembre-se V. Ex. que a anarchia é o monstro que chupa o sangue humano, e que inverte todos as ideas de razão e de justiça. Está nas mãos de V. Ex. poupar a nossa patria os males de que se acha ameaçada, e na parte que me toca farei tudo

*Angelo Custódio
Carta de Angelo Custódio, 1º Presidente da Assembleia Legislativa, para Eduardo Angelim, último Presidente Cabano.*



O fim do movimento

Angelim conseguiu manter algum equilíbrio entre os revoltosos. Belém foi cercada pelos navios da marinha, que se revezavam no cerco.

O regente paulista Diogo Antonio Feijó, que assumia o governo central do Rio de Janeiro, envio para a capital paraense mais de três mil soldados, em 11 navios de guerra, que se juntariam às 13 embarcações postadas na barra de Belém, sob o comando do general Soares Andréa. O certo ameaçador dos navios provocou reação na mesma medida entre a população. Os comerciantes localizados pelos grupos mais exaltados eram sumariamente assassinados nas ruas.

A rendição de Angelim

A chegada do brigadeiro Soares Andréa apertou ainda mais o cerco a Belém. Sem poder resistir à fome nem conter a violência que crescia, Angelim fugiu para o interior com seus homens. O novo presidente da província só entrou na cidade alguns dias depois, já seguro de que não haveria mais resistência. Angelim conseguiu escapar à primeira expedição de captura.

Uma segunda expedição foi organizada: oito navios e tropa de 1.130 homens foram usados para ir atrás dos fugitivos, até que, cercado, Angelim se rendeu.

Outros grupos ainda conseguiram escapar, subindo o rio Amazonas até Manaus, resistindo ainda durante muitos meses mais até 1840, quando, cercados em Maués, souberam da anistia decretada pelo governo imperial.

Cabanagem - Principais personagens

Felipe Patroni e o cômico **Batista Campos**: foram fundamentais para a divulgação das ideias liberais no periódico O Paraense que tanto inflamaram as massas populares, ansiosas por uma mudança social e econômica.

Félix Clemente Malcher: primeiro presidente do movimento. Foi deposto e morto em 20 de fevereiro de 1835.

Irmãos **Antonio** e **Francisco Vinagre**: líderes do movimento. Somente Francisco Vinagre assumiu a presidência da província.

Eduardo Angelim: último presidente cabano. Preso no Acará em 20 de outubro de 1836, foi exilado para Fernando de Noronha. Retornou ao Pará em 1851, falecendo em 20 de julho de 1882.

Barão de Caçapava, brigadeiro general **Francisco José de Souza Soares de Andrea**: com seus comandados, retornou a cidade de Belém dos insurgentes em 1836, assumindo a presidência da província nesse momento.

Bernardo de Souza Lobo: presidente da província na época da primeira invasão cabana à cidade. Foi assassinado no conflito.

Joaquim José da Silva Santiago: comandante das armas. Assassinado, a exemplo do presidente Bernardo de Souza Lobo.



O Pós-Cabanagem



Palácio do Grão-Pará. [18—]. Domínio Público.

“A Cidade se acha em um aspecto deplorável e medonho porque não se encontravam senão pretos e tapuios nas ruas [...]. Que as ruas mais destruídas e em ruínas eram a da Praia e da Cadeia, as principais do comércio e que era acima de toda a expressão do roubo geral [...].”

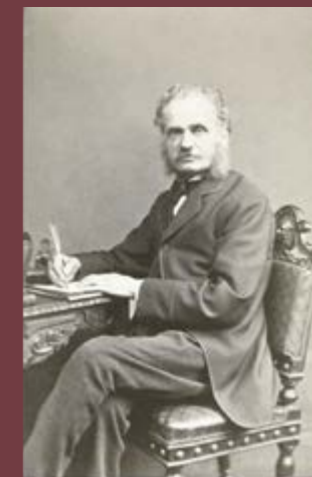
Manuel Jorge Rodrigues
Presidente da Província do Pará

**O movimento cabano valeu a pena?
Ou foi em vão?
Tanto sangue derramado!**



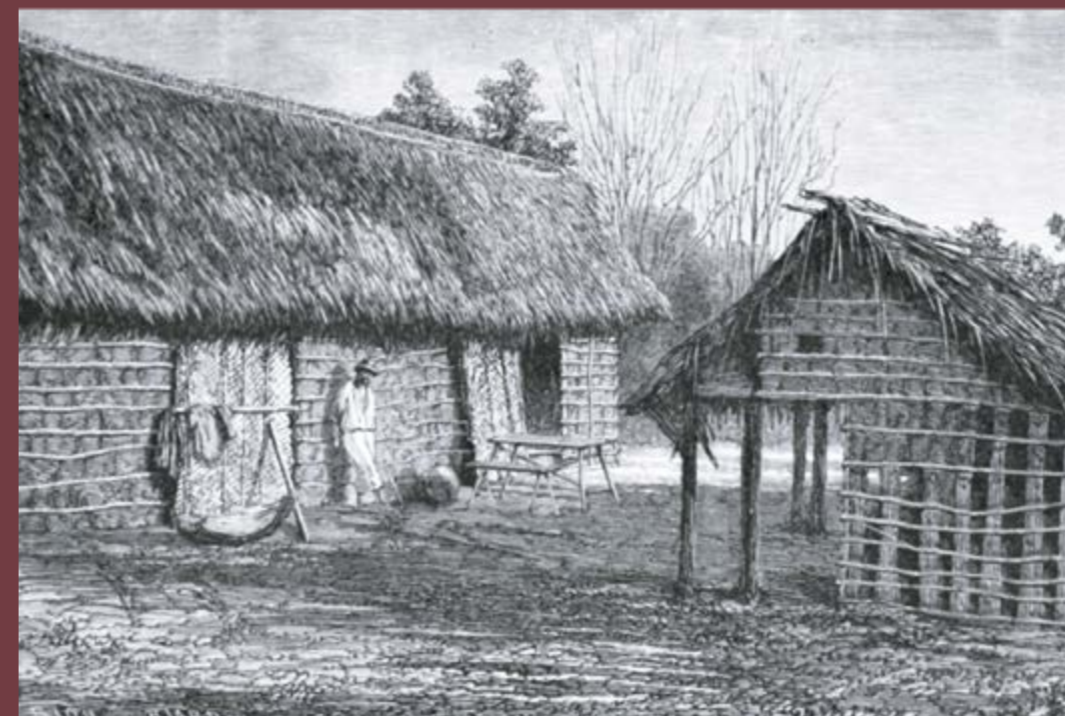
Quase todas as ruas têm casas pontilhadas de balas ou varadas por projéteis de canhão. Algumas foram apenas ligeiramente avariadas, outras quase que completamente destruídas. Dentre estas últimas, algumas foram restauradas, outras abandonadas. O Convento de Santo Antônio ficou de tal forma exposto ao canhoneiro que ainda hoje exhibe muitos sinais de bala pelas paredes.[...] Muitas são as bem traçadas ruas nas quais apenas uma exígua vereda serpeia por entre o matagal que as cobre, e, nos arrabaldes, se encontram, freqüentemente, propriedade em abandono e casas de construção magnífica, inteiramente desocupadas [...].

Daniel Kidder
Missionário



Embora fizesse doze anos que a situação se mantinha calma, quando ali chegamos a confiança ainda não tinha sido totalmente restabelecida, e os negociantes e mercadores portugueses não se aventuravam a ir morar nas suas belas chácaras ou rocinhas, localizadas nos arredores da cidade e no meio de luxuriantes e ensombrados jardins.

Henry Walter Bates
Naturalista



BIARD, Auguste François. "Sr. Biard se fotografa em Abacaxis". [1862]. Domínio Público.

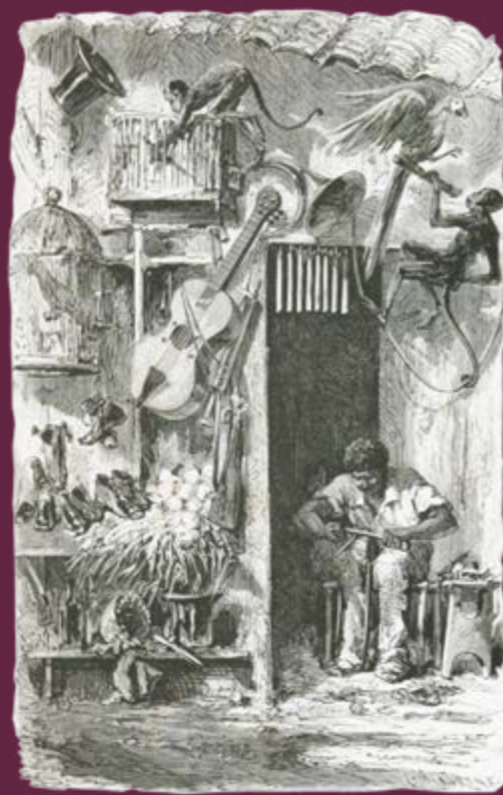
Ambiente Cabano

“Emergindo dos mocambos e das senzalas ou afluindo dos quilombos ignotos, no seio das selvas e nas praias desabitadas, os escravos acostaram-se à causa cabana, com o objetivo da reconquista da liberdade”

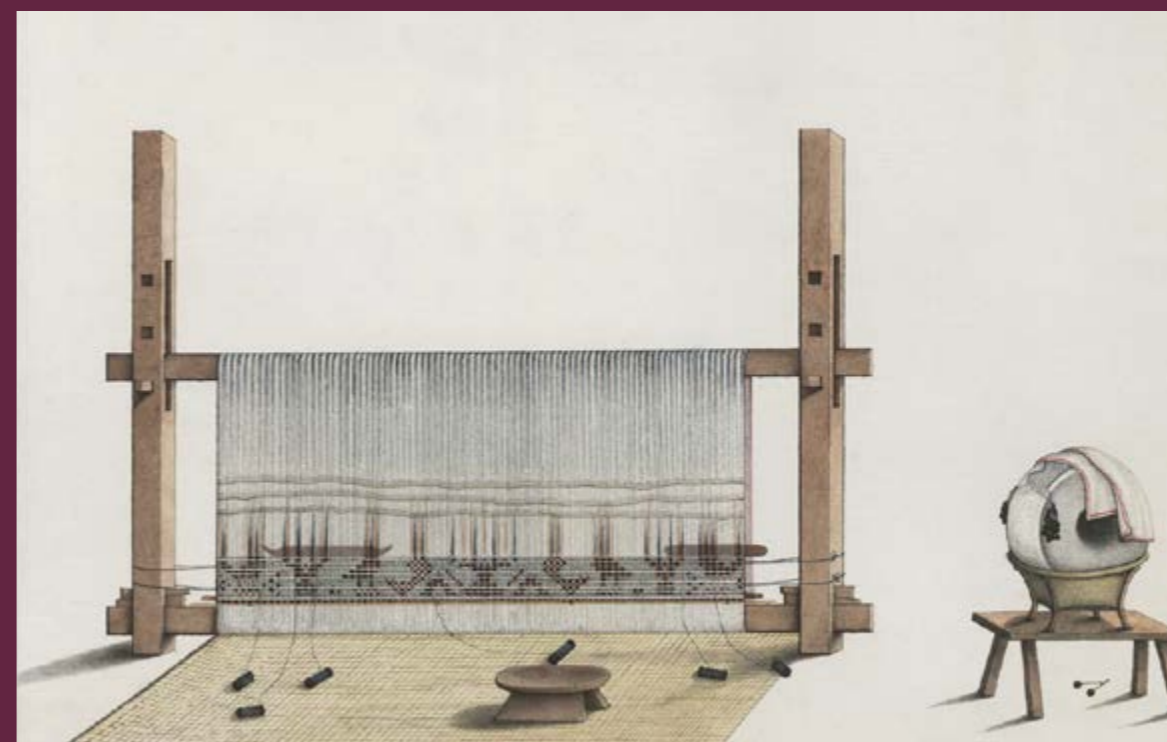
Jorge Hurley, 1936.
Historiador



BIARD, August François. “Cabana do Sr. Biard na propriedade do capitão João”. [1862]
Domínio Público.



BIARD, August François. “Loja do Pará”. [1862]
Domínio Público.



CODINA, Joaquim José. “Prospecto do tear das índias da vila de Monte Alegre”, [1785].
Biblioteca Nacional.



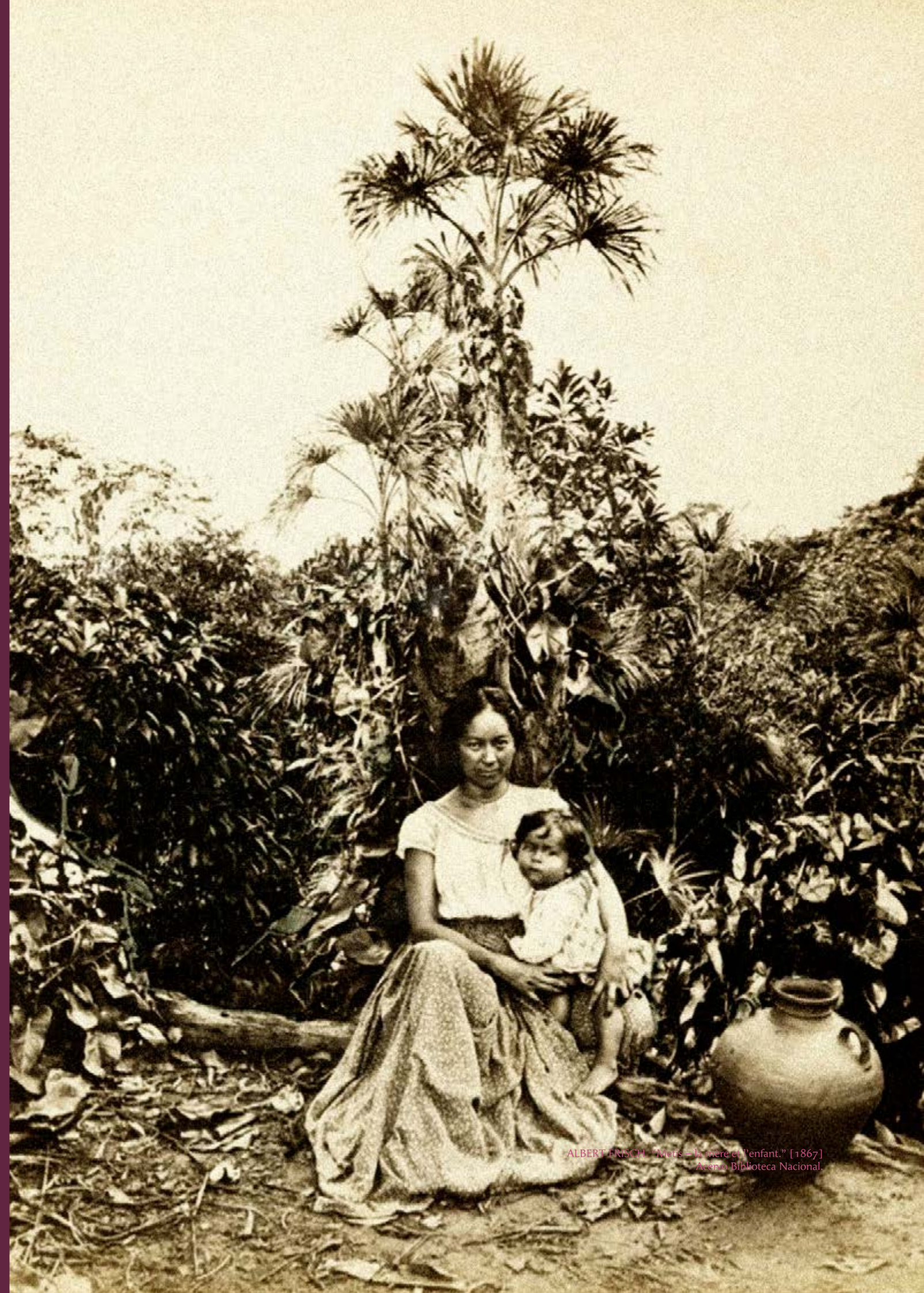
NAZARETH – Mr. Campbells house, [1844]. Biblioteca Nacional.



ALBERT FRISCH. "La cuisine de la malloca – qui se trouve toujours à une petite distance de l'habitation". [1867]. Acervo Biblioteca Nacional.



ALBERT FRISCH. "Une famille de Tapuyas, à la porte de leur Maison". [1867]. Acervo Biblioteca Nacional.



ALBERT FRISCH. "Mère et l'enfant." [1867]. Acervo Biblioteca Nacional.

A Cabanagem pelos cabanos: diversos sujeitos, múltiplas faces

Quem eram os cabanos?

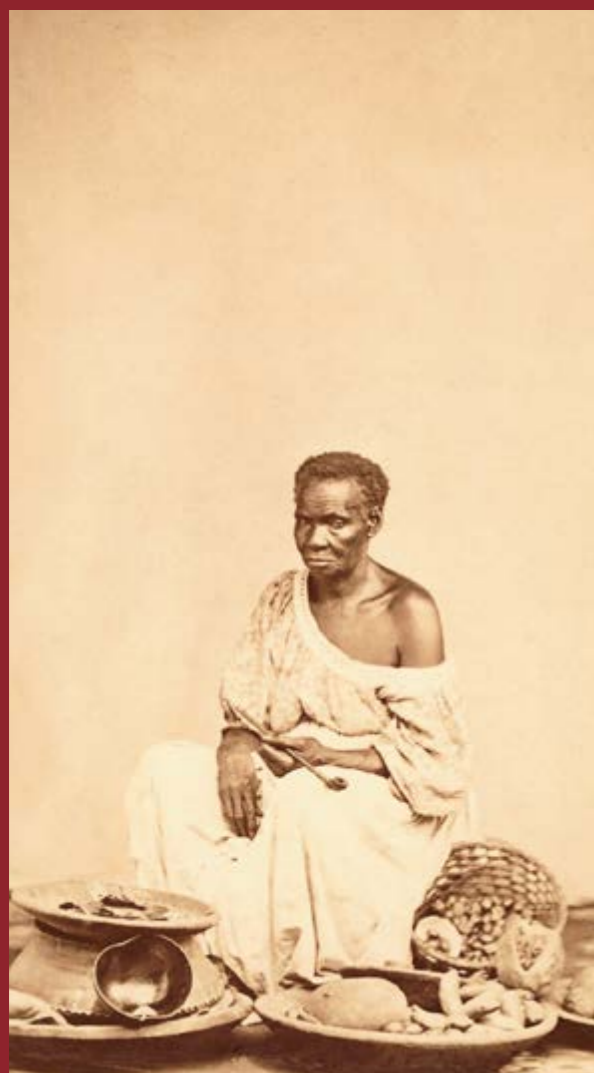
A revolta recebeu o nome de Cabanagem porque a maioria dos rebeldes eram pobres e moravam em cabanas nas margens dos rios. Muitos eram indígenas e mestiços e eram chamados de cabanos.

A participação feminina

A presença da mulher foi marcante em diversas atividades da Cabanagem. Apesar de não assumir cargos políticos, foi fundamental em outros aspectos: desde assumir a família enquanto o homem ia para o campo de batalha (muitas vezes também guerreava!) a trabalhar como espiã. Também havia as lavadeiras ou animadoras de bordeis em dias de festas cabanas.

A questão da escravidão no contexto da Cabanagem

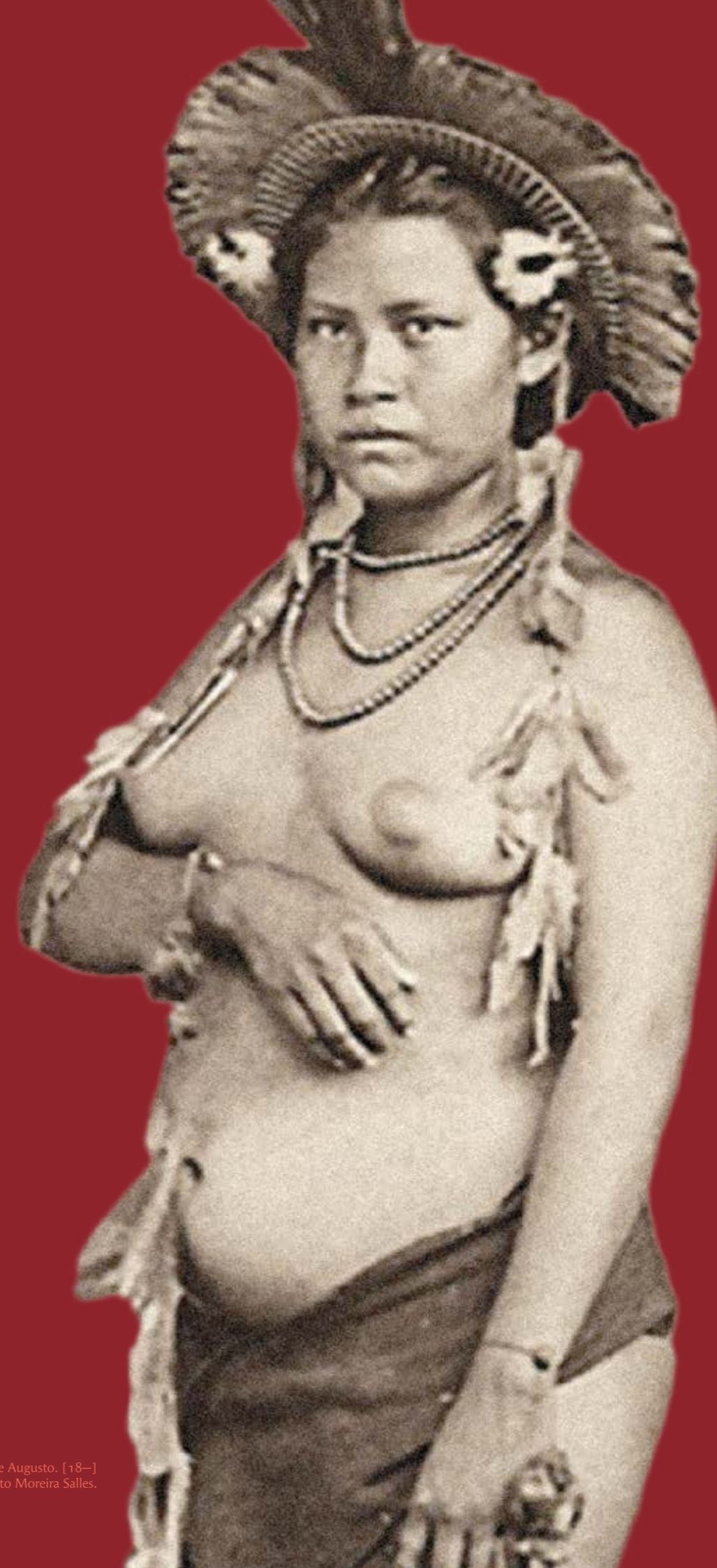
Os afrodescendentes tiveram participação ativa no levante. Aspirando à liberdade, os escravos se embrenharam nas selvas e nos furos dos igarapés, ajudados pelo conhecimento do indígena e do cabloco, aderindo à causa cabana.



FIDANZA, Felipe Augusto. [18—] - Acervo Instituto Moreira Salles.



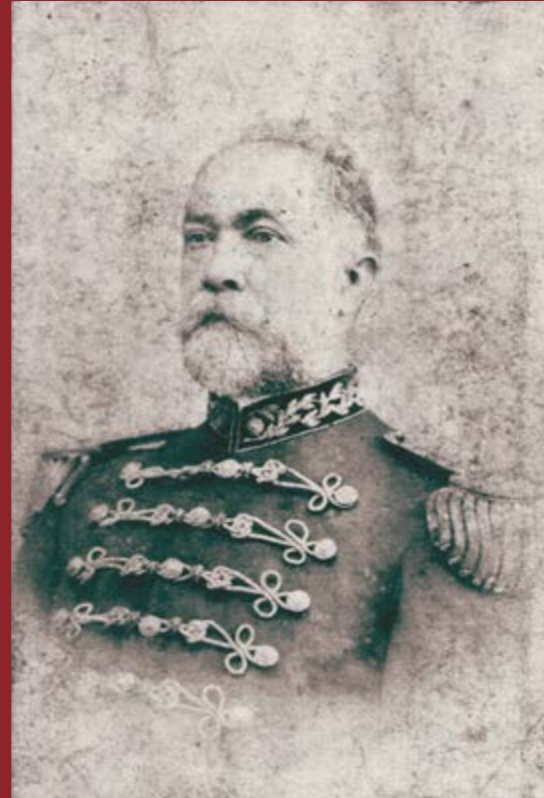
FIDANZA, Felipe Augusto. [18—] - Acervo Instituto Moreira Salles.



FIDANZA, Felipe Augusto. [18—] - Acervo Instituto Moreira Salles.



HUEBNER, George . [18—].
Coleção Theodor Koch Grünberg.



Coronel Francisco Bezerra [18—]. Acervo Thiago Vianna.

Felipe Augusto Fidanza foi um fotógrafo do século XIX que viveu em Belém. Como retratista, fotografou pessoas de várias classes sociais e grupos étnicos, com cenários pintados ao fundo para melhor caracterizar os personagens. Foi também pioneiro nos cartões-postais fotográficos no Brasil.



Família Bezerra da Rocha Moraes. [1840]. Acervo Thiago Vianna.

A Amazônia na visão dos naturalistas

Até os dias de hoje, a Amazônia é um objeto de deslumbre, cobiça, mistério e imaginação. Essa mesma Amazônia naturalmente mais virgem e inexplorada, há séculos também despertou a curiosidade do olhar estrangeiro na figura dos cientistas da época e aventureiros.

Desde 1542, os europeus traçavam rotas de viagem à Amazônia. Mas somente a partir do século XVII houve um maior movimento naturalista na nossa região. La Condamine (1701-1774), Alcides Dessalines D'Orgigny (1802-1857), Edward F. Poeppig (1796-1868), Carl Friedrich von Martius (1794-1868) Johann von Spix (1781-1826) e Johann Natterer (1787-1845) são exemplos de exploradores pioneiros da região e, seus trabalhos revelavam um olhar ante o desconhecido, um mundo totalmente novo para o homem europeu.





Estudar seus tratados, desenhos, impressões sobre a geografia, a flora, a fauna e os modos de ser e de viver dos povos da Amazônia dos séculos XVIII ao XIX é um interessante exercício de viagem ao nosso passado. Através do olhar estrangeiro, temos a possibilidade de conhecer e revistar a nossa própria história.



“Afigura-se-nos, chegando ao Pará, e saídos das matas do Amazonas, ver-nos transportados à Europa. Encontramos uma grande cidade, ruas bem alinhadas, casas risonhas, a maior parte construída desde trinta anos em pedra e cascalho, igrejas magníficas (...) Recebem as mercadorias da Europa em troca de gêneros do país, que são, além de algum ouro em pó que transportam do interior das terras ao lado do Brasil, todos os diferentes produtos úteis, quer dos rios que vêm perder-se no Amazonas, como das margens deste último a casca do pau de cravo, salsaparrilha, a baunilha, o açúcar, o café e, sobretudo o cacau, que é a moeda corrente no país e, que constitui a riqueza dos habitantes.”

La Condamine
Naturalista



Principais vilas envolvidas na Cabanagem

Ao retornar Belém, Soares Andrea assumiu a presidência da província com a incumbência de pacificá-la; porém, o crescimento do movimento interior adentro se mostrou uma grande dificuldade para sua missão. Após 1836, os cabanos foram avançando pelos rios da Amazônia, rumando para cidades como Santarém ou Manaus, ou até a divisa do atual estado do Amapá. No meio do caminho, conquistavam novos adeptos da causa e iam criando novas estratégias de luta.

O último foco de resistência foi sufocado pelo governo na Vila de Luséa, atual Maués divisa do Pará com o Amazonas

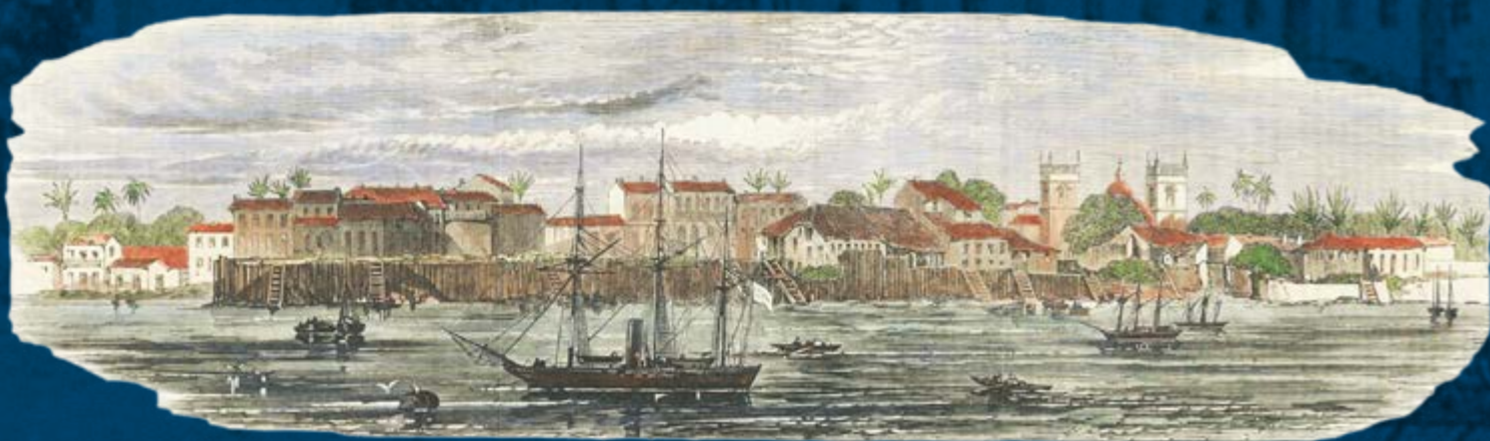
Vigia

A Vila de Vigia foi assaltada pelos cabanos que dominaram o Paço Municipal, obrigando as autoridades legalistas vigienses a se refugiarem no Trem de Guerra, também conhecido como Casa-Quartel. Esse prédio foi onde o movimento cabano operou o mais violento e sangrento episódio da Cabanagem na Vila da Vigia, quando foram assassinados todos os moradores e os militares vigienses que se encontravam aquartelados.



Cametá

A Cidade de Cametá foi a sede do Governo da Província durante 11 meses, sendo chamada de a Invicta pois resistiu bravamente ao movimento Cabano.



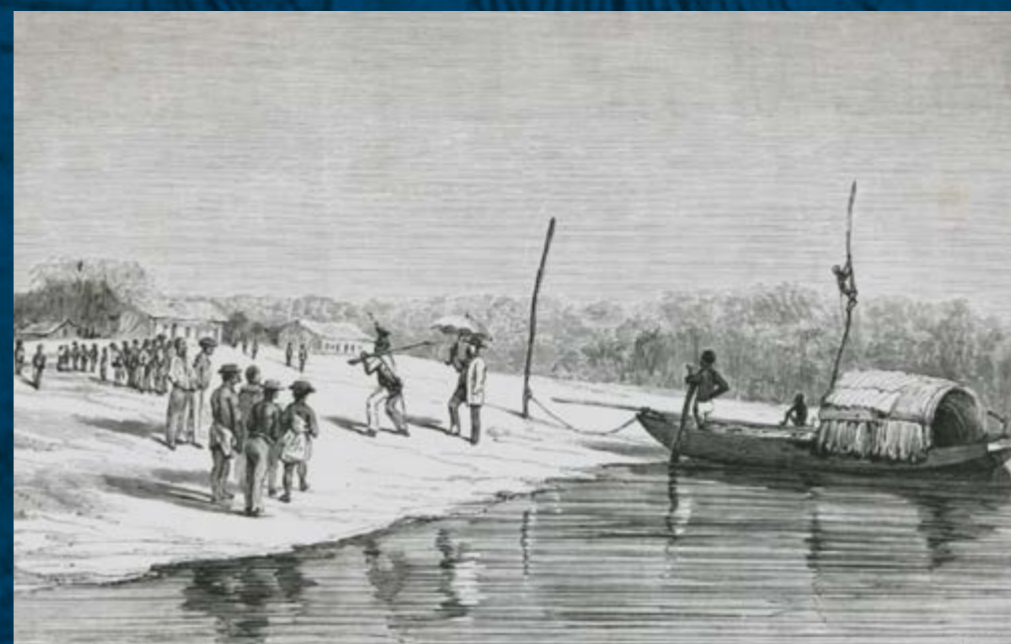
Santarém

Sofreu vários ataques cabanos até ser tomada. Em uma das batalhas foram mais de 150 mortos.



Maués

Último Reduto dos Cabanos.



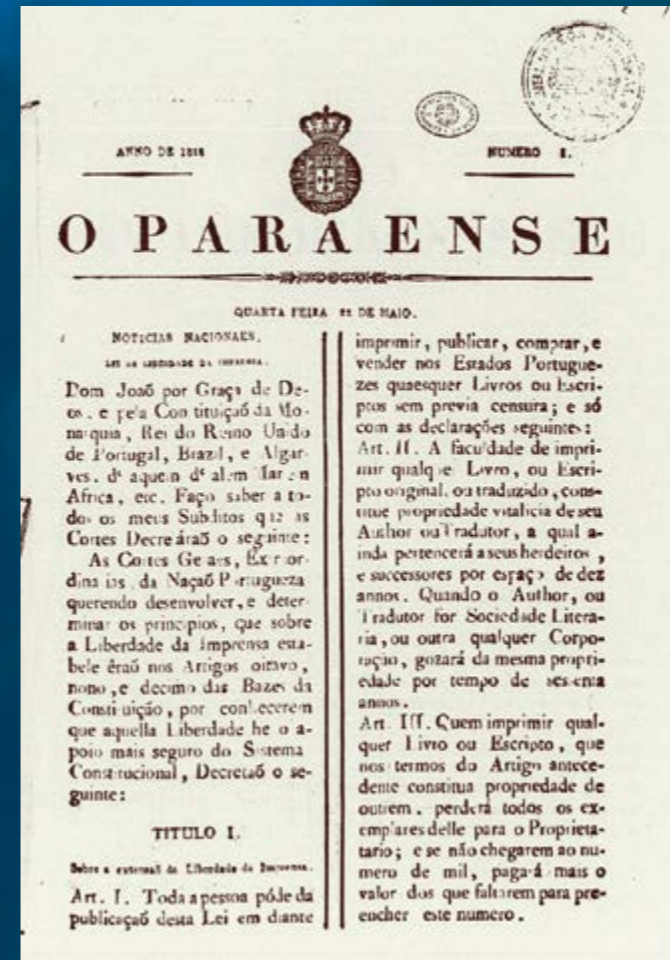
Sintética linha do tempo



1808 - A Família Real Portuguesa foge para o Brasil.



1820 - Deflagrada a Revolução Constitucionalista do Porto.
1º de janeiro de 1821 - Adesão do Pará à Revolução Constitucionalista do Porto.



Janeiro de 1822 – Felipe Patroni lança o Jornal “O Paraense” propagador das ideias liberais.



7 de setembro de 1822 - Dom Pedro I declara a Independência do Brasil.

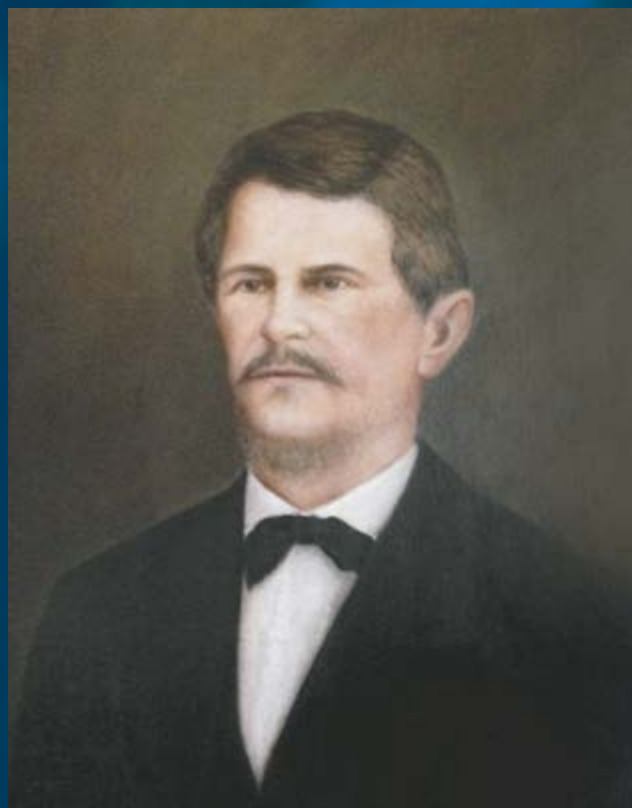


7 de janeiro de 1835 - Ocorreu a primeira invasão cabana à cidade de Belém. Instaurado o primeiro governo cabano, sob a presidência de Félix Clemente Malcher.



21 de fevereiro de 1835 - é aclamado o 2º presidente cabano, Francisco Vinagre.

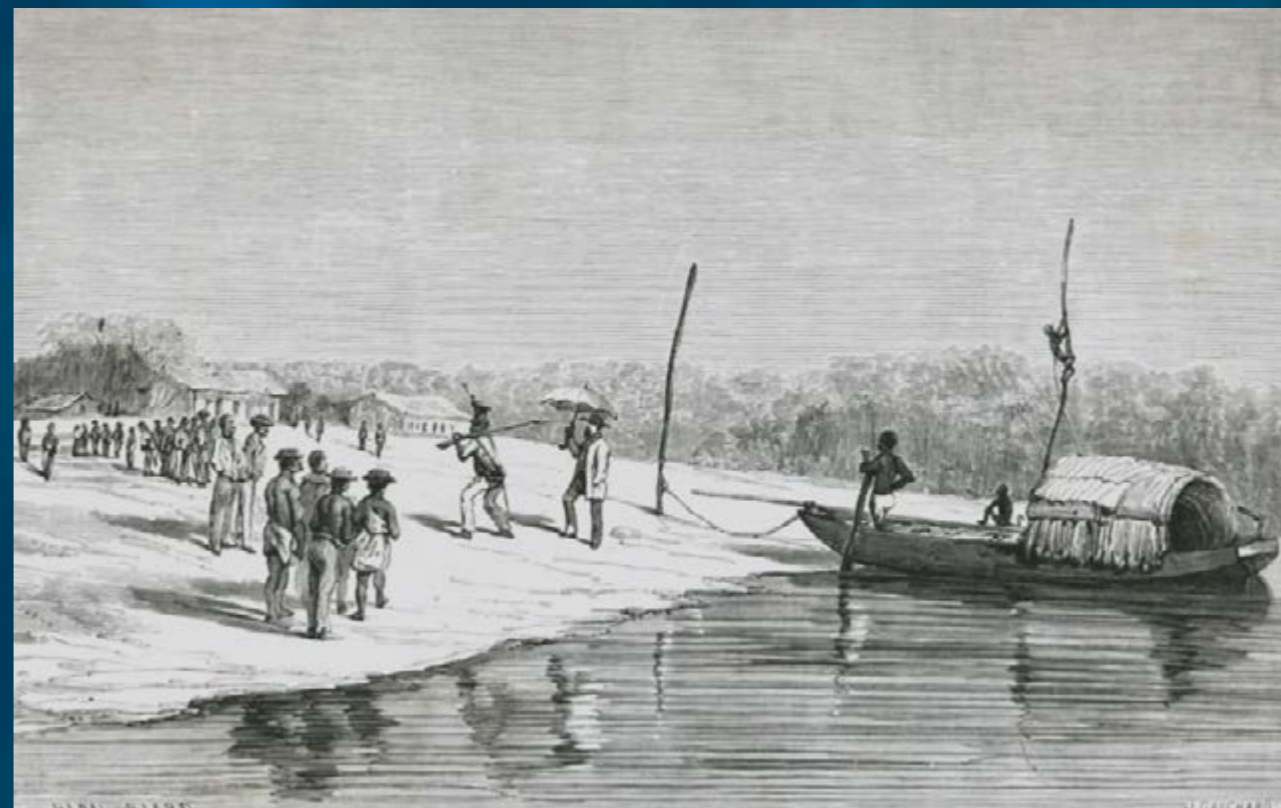
Junho de 1835 - O governo regencial enviou o Marechal Manuel Jorge Rodrigues para ser presidente da província, os cabanos batem em retirada da cidade.



Agosto de 1835 - Segunda invasão da cidade. Os cabanos, motivados pela prisão de Francisco Vinagre, aclamam Eduardo Angelim com o terceiro presidente cabano.



13 de maio de 1836 - os cabanos batem em retirada da cidade, cercados por militares comandados pelo Brigadeiro Francisco José de Souza Soares de Andrea.



1840 - Último grupo resistente é sufocado pelo Império na atual Maués, divisa do Pará com o Amazonas.

HISTÓRIAS NÃO CONTADAS

NAS TRILHAS DA CABANAGEM

1835-1840

Mesa Diretora da Câmara dos Deputados

Presidente
Eduardo Cunha (PMDB/RJ)
1º Vice-Presidente
Waldir Maranhão (PP/MA)
2º Vice-Presidente
Giacobo (PR/PR)
1º Secretário
Beto Mansur (PRB/SP)
2º Secretário
Felipe Bornier (PSD/RJ)
3º Secretário
Mara Gabrilli (PSDB/SP)
4º Secretário
Alex Canziani (PTB/PR)
Suplentes
Mandetta (DEM/MS)
Gilberto Nascimento (PSC/SP)
Luiza Erundina (PSB/SP)
Ricardo Izar (PSD/SP)
Procurador Parlamentar
Claudio Cajado (DEM/BA)
Corregedor Parlamentar
Carlos Manato (SD/ES)
Diretor-Geral
Romulo de Sousa Mesquita
Secretário-Geral da Mesa
Silvio Avelino da Silva

Coordenação do Projeto Secretaria de Comunicação Social Centro Cultural Câmara dos Deputados

Secretário de Comunicação Social da Câmara dos Deputados
Cleber Verde (PRB/MA)

Diretora do Centro Cultural
Isabel Martins Flecha de Lima

Coordenação "Histórias não Contadas"
Ricardo Oriá

Produção

Flávia Jardim

Curadoria

Emanuel Franco

Pesquisa Histórica e Texto

Thiago Bezerra Vianna

Edinelson Figueira

Erick Rosa

Alan Pantoja

Projeto Gráfico, Editoração e Edição de imagens

Paulo Maurício

Revisão

Maria Amélia Elói

Projeto Gráfico adaptado do convite impresso e virtual

Israel Cerqueira

Diego Justino

Coordenação do Núcleo de Design

Odília Barroso

Assessoria de Imprensa

C. André Laquintinie

Montagem da Exposição

André Ventorim

Edson Caetano

Wendel Fontenele

Paulo Titula

Victor Paiva

Conservação e Restauração

Seção de Conservação e Restauração da Câmara dos Deputados - Cobec/Cedi

Material Gráfico

Coordenação de Serviços Gráficos - CGRAF/DEAPA

Impressão - Plotagem

WL Serviços

Imagens

Biblioteca Nacional

Instituto Moreira Salles

Museu de Artes do Belém

Museu do Estado do Pará

Biblioteca Brasileira

Apoio

Acevo Histórico da Assembleia Legislativa do Estado do Pará

Informações sobre a Exposição:

Centro Cultural Câmara dos Deputados

0800 619619 - cultural@camara.leg.br
Palácio do Congresso Nacional - Câmara dos Deputados
Anexo I - Sala 1601 - CEP 70160-900 - Brasília-DF

<http://www2.camara.leg.br/a-camara/conheca/centro-cultural>

Brasília, setembro de 2015

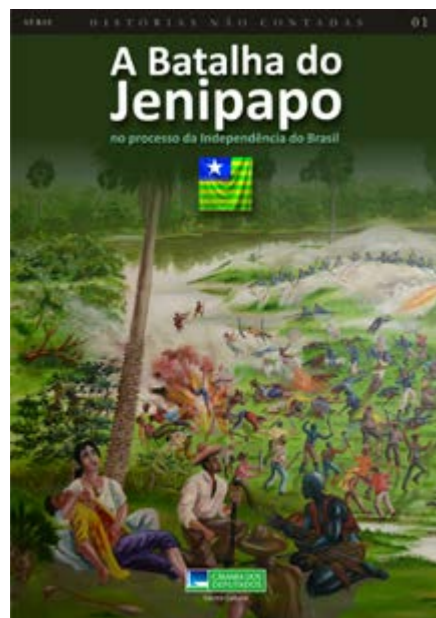
Realização

Centro Cultural

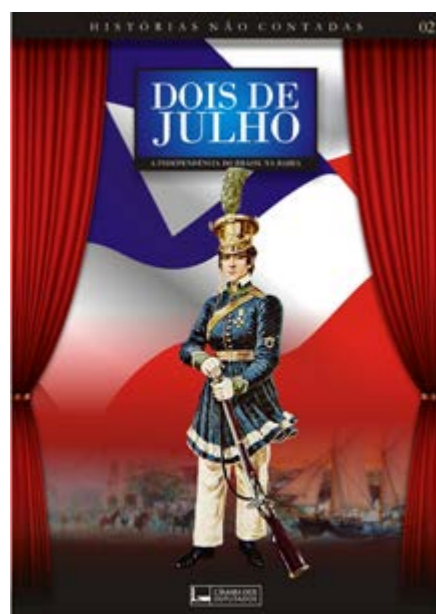
Secretaria de
Comunicação Social



Exposições históricas
Série HISTÓRIAS NÃO CONTADAS:



Nº 01
A BATALHA DO JENIPAPO
no processo de independência do Brasil



Nº 02
DOIS de JULHO
A independência do Brasil na Bahia

Disponíveis em:

<http://www2.camara.leg.br/a-camara/conheca/centro-cultural>

